

# ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

E OS CAMINHOS DA PESQUISA  
CIENTÍFICA NO BRASIL



UMA HISTÓRIA ENTRELAÇADA



## **DIRETORIA 2013-2016**

### **PRESIDENTE**

Jacob Palis

### **VICE-PRESIDENTE**

João Fernando Gomes de Oliveira

### **VICE-PRESIDENTES REGIONAIS**

Roberto Dall'Agnol NORTE

Cid Bartolomeu de Araújo NORDESTE & ESPÍRITO SANTO

Mauro Teixeira MINAS GERAIS & CENTRO-OESTE

Elisa Reis RIO DE JANEIRO

Adolpho Melfi SÃO PAULO

João Batista Calixto SUL

### **DIRETORES**

Beatriz Leonor Barbuy

Evando Mirra de Paula e Silva

Fernando Garcia de Mello

Iván Izquierdo

Luiz Davidovich

### **COMITÊ EXECUTIVO**

Débora Foguel

Fernando Garcia de Mello

Lindolpho de Carvalho Dias



# CARTA DO PRESIDENTE

**JACOB PAUS**

Presidente da ABC 2007-2016

A Academia Brasileira de Ciências, inicialmente denominada Sociedade Brasileira de Ciências, teve um início auspicioso. Um

grupo de pesquisadores talentosos e com a visão de uma Nação forte, baseada em sua criatividade científica, sob a liderança de Henrique Morize, foi responsável por sua criação, em 3 de maio de 1916.

Os primeiros 100 anos da Academia comprovaram a sabedoria de seus criadores e a elevaram a símbolo maior da ciência brasileira. Desde seu início, promoveu o intercâmbio internacional em diversas áreas, como com a Universidade de Paris – Sorbonne, já em 1917. Recebeu e tornou membro correspondente, em maio de 1925, o grande físico Albert Einstein, que, no ano seguinte, publicou um artigo no primeiro número da revista da Academia, sobre a teoria da luz. Ainda em 1926, a notável cientista Marie Curie, ganhadora de dois prêmios Nobel, também foi incorporada à ABC como membro correspondente. Ela veio ao Brasil atraída pelas águas radioativas em Lindoia.

A Academia foi criada durante a Primeira Guerra Mundial. Participou do extraordinário período de criação do CNPq, por ela proposto através do seu presidente Álvaro Alberto da Motta e Silva, de vários institutos de pesquisa e da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Teve papel também na criação da Capes e de várias universidades brasileiras. Desde então, a ABC vem se modernizando. Com sua Diretoria e atividades espalhadas por todo o território nacional, tem hoje destacado reconhecimento de sua importância pela sociedade brasileira, pelos governos federal e estaduais e pela comunidade científica nacional e internacional.

Após três mandatos, em meu nome e das Diretorias que me acompanharam, agradeço aos dirigentes anteriores, que se empenharam na construção do nome dessa Academia. Sua condução, neste ano do centenário, repasso ao meu caríssimo sucessor, Luiz Davidovich, a quem desejo boa sorte e confiança na relevância da casa que representa.

E, finalmente, aos funcionários da ABC, que sempre acreditaram em nossas iniciativas, muitas vezes aperfeiçoando-as e sempre demonstrando apoio e entusiasmo, meu mais profundo muito obrigado.



# UMA INSTITUIÇÃO PARA PROMOVER A CIÊNCIA BRASILEIRA

CRIAÇÃO E PRIMEIROS ANOS  
DA SOCIEDADE BRASILEIRA  
DE CIÊNCIAS

ESCOLA POLITÉCNICA  
DO RIO DE JANEIRO



Augusto Malta - Acervo MIS RJ

**R**eunir os principais cientistas do Brasil para discutir e divulgar pesquisas importantes nas diferentes áreas do conhecimento, impulsionando o desenvolvimento da ciência pura no país: esse era o anseio de um grupo de pesquisadores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, uma das mais destacadas instituições científicas brasileiras naquela época, que começaram a idealizar uma associação capaz de perseguir esses objetivos de forma organizada. Para concretizá-la, a Politécnica teve papel fundamental. Nos seus salões, os estudiosos – incluindo Everardo Adolpho Backheuser, Antônio Ennes de Sousa e Alberto Betim Paes Leme, os primeiros idealizadores; e Henrique Morize, o principal concretizador da ideia – articularam a fundação, em 3 de maio de 1916, da Sociedade Brasileira de Ciências.

A nova instituição tinha o respaldo de diversos cientistas de peso, incluindo, além dos já citados, outros nomes de destaque, como Alípio de Miranda Ribeiro, Alberto Childe, Edgard Roquette-Pinto, Joaquim Cândido da Costa Senna e Manuel Amoroso Costa, entre outros, que participaram formalmente de sua criação. Em seguida, outros pesquisadores foram convidados a se juntar ao grupo, e assim a recém-criada Sociedade passou a contar

GALERIA DOS  
PRESIDENTES



**HENRIQUE MORIZE**

1916 a 1926

Nasceu em 1860, em Beaune, na França. Mudou-se para o Brasil em 1875 e entrou para a Escola Politécnica, no curso de engenharia industrial, em 1890. Trabalhou como astrônomo no Imperial Observatório do Rio de Janeiro por 46 anos, dos quais 20 atuando como diretor. Lecionou física na Escola Politécnica e foi um dos criadores do ensino da eletricidade no Brasil. Faleceu em 1930.

# “NUMA CAPITAL RICA E PRÓSPERA COMO A CIDADE DO RIO DE JANEIRO, ERA INDISPENSÁVEL QUE SE FUNDASSE UM GRÊMIO, ONDE AQUELES QUE ESTUDAM AS QUESTÕES DA CIÊNCIA PURA PUDESSEM ENCONTRAR FRATERNAL AGASALHO”

**HENRIQUE MORIZE**, em discurso por ocasião do primeiro aniversário da Sociedade Brasileira de Ciências (1917)

com Adalberto Menezes de Oliveira, Adolpho Lutz, Alberto Löefgren, Álvaro Ozório de Almeida, Antônio Pacheco Leão, Arthur Alexandre Moses, Bruno Álvares da Silva Lobo, Cândido Firmiño de Mello Leitão, Carlos Chagas, Henrique Beaurepaire Rohan Aragão, Juliano Moreira, Oswaldo Gonçalves Cruz, Roberto Marinho de Azevedo e outros cientistas de prestígio.

Foi pelas mãos desses pesquisadores que os estatutos da entidade começaram a ganhar forma, sob a liderança de uma diretoria provisória eleita ainda em 1916 e chefiada por Morize. Estabeleceu-se, por exemplo, que a Sociedade seria formada por 100 membros efetivos, divididos em três seções – Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Biológicas –, além de sócios beneméritos (cientistas brasileiros com notadas contribuições à Sociedade) e honorários (pesquisadores internacionais de notável merecimento) em número indeterminado. Também nas primeiras sessões, delinearum-se as principais linhas de atuação da Sociedade Brasileira de Ciências, notadamente o incentivo à ciência desvinculada de

objetivos comerciais ou industriais, a organização de cursos e conferências de formação e vulgarização de temas científicos e a divulgação de resultados de pesquisas originais em uma revista especializada. Além disso, outro objetivo almejado era servir como uma espécie de bússola da ciência brasileira, sugerindo aos pesquisadores temas importantes para estudo.

No ano seguinte, tomou posse a primeira diretoria eleita da Sociedade, composta por Henrique Morize (presidente), Joaquim Cândido da Costa Senna e Juliano Moreira (vice-presidentes), Alberto Löefgren (secretário), Edgard Roquette-Pinto (2º secretário) e Betim Paes Lemé (tesoureiro). Sua gestão foi marcada por uma atividade intensa, já colocando em prática os objetivos estabelecidos para a instituição: por exemplo, foi criada em 1917 a *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências*, com o propósito de apresentar a ciência como fator da prosperidade nacional e divulgar resultados de pesquisa dos membros da Sociedade e de pesquisadores externos, além da transcrição de conferências e discursos e das atas das reuniões da associação.

No mesmo ano, a Sociedade realizou sua primeira conferência de divulgação científica, proferida pelo sócio e professor Mário Ramos. O encontro teve como tema “A radiotelegrafia ultrapotente e o desenvolvimento da ciência elétrica” e lotou o auditório da Biblioteca Nacional, obtendo repercussão na imprensa da época, que se apressou em anunciar a realização de palestras futuras sobre biologia, física e astronomia. Também nessa fase inicial, em 1917, a Sociedade recebeu seus primeiros visitantes ilustres, entre os quais destacou-se o médico e psicólogo francês George Dumas, da Universidade Paris-Sorbonne, em 1917. Vale notar que, em sua primeira década de atividades, a promoção de palestras de cientistas estrangeiros para o público brasileiro era uma das prioridades de ação da nova associação.

Com o crescimento das atividades e o desejo de enaltecer ainda mais os objetivos da instituição, a Sociedade assumiu, em 1921, o nome Academia Brasileira de Ciências (ABC), com o qual se identifica até hoje. A mudança foi aprovada por mais de dois terços dos sócios.



## JULIANO MOREIRA

1926 a 1929

Nasceu em 1872, em Salvador, na Bahia. Ali, lecionou como médico na Faculdade de Medicina, onde havia estudado e se formado. Foi um dos primeiros negros cientistas do país. Sua produção científica foi reconhecida internacionalmente. Atuou com destaque na humanização dos hospitais psiquiátricos no Brasil, tendo dirigido o Hospício Nacional, no Rio de Janeiro. Faleceu em 1933.



Acervo Mast

# EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO

UM PERÍODO DE  
ATUAÇÃO INTENSA  
DA ABC E DE SEUS  
ASSOCIADOS

**F**oram a representatividade e a ação intensa de seus fundadores que garantiram a vitalidade e a consolidação da ABC nos anos que se seguiram. Determinados a desenvolver a cultura científica no país, eles tomaram a frente de iniciativas como a fundação da primeira Sociedade Brasileira de Química, em 1922. Sob a liderança de Roquette-Pinto, estiveram entre os pioneiros da criação do rádio no Brasil, com a inauguração da Rádio Sociedade, em 1923. Ela trazia em sua programação inúmeros cursos e conferências de divulgação científica, além de música clássica e noticiários. Morize foi o primeiro presidente da Rádio Sociedade e Roquette-Pinto, o secretário. No mesmo ano, em sua primeira manifestação política mais ambiciosa, o posicionamento da Academia foi decisivo na regulamentação da telefonia sem fio (TSF), que compreendia as regras para uso do rádio. Em 1924, vários membros da ABC, sob a liderança de Backheuser, participaram da fundação da Sociedade Brasileira de Educação, atual Associação Brasileira de Educação (ABE), com o objetivo de modernizar o ensino superior no país e promover a institucionalização da pesquisa científica nas universidades.



**MIGUEL OZÓRIO DE ALMEIDA**

1929 a 1931

Nasceu no Rio de Janeiro em 1890. cursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e foi assistente no Instituto de Manguinhos. Participou da fundação da Sociedade Brasileira de Educação e foi membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu um dos primeiros livros dedicados à divulgação científica no país. Faleceu em 1953.

## VISITA DE EINSTEIN

ao Observatório Nacional, em que estavam presentes o presidente da ABC e diretor do Observatório Nacional à época, Henrique Morize, e os Acadêmicos José Frazão Milanez, Lelio Itapuambyra Gama, Domingos Fernandes da Costa, Alix Corrêa Lemos, Alfredo Lisboa e Ignacio Manoel Azevedo do Amaral (página ao lado).

Os Acadêmicos também participaram ativamente das comemorações do centenário da independência do Brasil, incluindo na programação atividades de divulgação científica como exposições e palestras, destacando-se a do matemático francês Émile Borel. Nos anos seguintes, a ABC recebeu ainda visitas ilustres como Albert Einstein, que ali fez importante comunicação científica sobre o fóton, e Marie Curie. Além da óbvia repercussão desses eventos no meio científico, as atividades da ABC alcançaram um público mais amplo, graças à divulgação na imprensa local, e contribuíram para a formação de um novo imaginário social sobre a ciência. Personagens notáveis, como Alberto Santos-Dumont e o Marechal Cândido Rondon, tornaram-se membros efetivos neste período.

A crescente visibilidade das atividades da Academia rendeu frutos como a doação, pelos governos do Brasil e da Tchecoslováquia, do pavilhão na Avenida das Nações (atual Avenida Presidente Wilson), no Castelo, construído para abrigar a mostra deste país na Exposição Universal de 1922. Esta tornou-se a primeira sede própria da ABC, inaugurada em 1924, e abrigava também a Rádio Sociedade. Ela seria tomada pouco depois, em 1928, pelo prefeito Antônio da Silva Prado Junior, sob a alegação de que o prédio havia sido cedido “a título precário”.

Em junho de 1926, a ABC participou oficialmente, pela primeira vez, em uma instância internacional, com Henrique Morize representando o Brasil no Conselho Internacional de Pesquisas, numa reunião em Bruxelas, na Bélgica. A *Revista de Ciências*, que sucedeu a *Revista*

## PAVILHÃO DA TCHECOSLOVÁQUIA

no Centenário da Independência, doado a ABC em 1924. Atrás, vê-se o morro do Castelo.



Augusto Malta - Acervo MIS RJ

da *Sociedade Brasileira de Ciências* (1917 a 1919), sofreu descontinuidade depois de ser publicada em 1920 e 1921. A *Revista da Academia Brasileira de Ciências*, que lhes deu prosseguimento, foi publicada em 1926 e 1928.

No ano de 1928, houve um trágico acidente com o hidroavião Santos Dumont, que voava para homenagear o inventor no seu regresso de navio ao Brasil. Deixou 14 mortos na Baía de Guanabara, incluindo os Acadêmicos Manuel Amoroso Costa, Ferdinando Labouriau e Tobias Moscoso, causando consternação na Academia e nos meios científico e cultural do país.

A direção da Academia, a partir da gestão de Miguel Ozório de Almeida, em 1929, concentrou esforços na consolidação institucional, incluindo a viabilidade financeira, a renovação de suas lideranças, o crescimento controlado do quadro de associados e a tentativa de aquisição de uma sede própria. A criação dos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, em 1929, foi, ao mesmo tempo, um resultado desses esforços e um elemento determinante na continuação das atividades da Academia. Editada ininterruptamente até hoje, a revista é um dos periódicos científicos mais respeitados do Brasil.



## EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA

1931 a 1933

Nasceu em Abaeté, Minas Gerais, em 1883. Formou-se engenheiro de minas e civil na Escola de Minas de Ouro Preto. Foi o responsável pela descoberta de que a bacia do Paraguai brasileiro fazia parte do continente Gondwana. Em 1933, concluiu o “Mapa Geológico do Brasil” e possibilitou a descoberta do petróleo no país. Faleceu em 1939.

# INTERAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

ABC ATUA JUNTO A ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS E COLABORA NA CRIAÇÃO DAS FACULDADES DE CIÊNCIAS

Nas décadas de 1930 e 1940, a Academia encontrou um novo fôlego, especialmente após ser reconhecida, pelo chefe do governo provisório Getúlio Vargas, como instituição de utilidade pública, voltada à cultura e ao desenvolvimento da ciência, por meio do decreto número 24.785, de 14 de julho de 1934. Como personagem fundamental deste período está Arthur Moses, cuja presidência na ABC foi marcada por uma postura pública mais discreta e preocupação em criar coesão entre os membros da entidade. Sua atuação permitiu a continuidade da Academia e sua adaptação a um novo contexto nacional – a Era Vargas (1930-1945) – e internacional – a deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Entre as ações externas da ABC neste período, destacaram-se as participações de Acadêmicos na fundação das universidades de São Paulo, em 1934, e do Distrito Federal, em 1935, e da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), em 1937. O Instituto Nacional de Cinema Educativo foi criado e dirigido por Roquette-Pinto, a partir de 1936, e contou com a participação de alguns Acadêmicos na produção de filmes educativos e de divulgação científica.

Como evento científico de maior destaque nessa época, sobressaiu-se o Simpósio Internacional sobre Raios Cósmicos, que foi patrocinado pela ABC e contou com a participação de cientistas brasileiros e norte-americanos, entre os quais o prêmio Nobel Arthur Compton. Realizada em 1941, a reunião abrangeu a apresentação de trabalhos e a realização de experimentos sobre essas partículas de alta energia, provenientes do espaço e que atingem a atmosfera da Terra.



## ARTHUR ALEXANDRE MOSES

1933 a 1935 1941 a 1943  
1947 a 1949 1951 a 1965

Nasceu em 1886, no Rio de Janeiro, onde formou-se em medicina. Realizou pesquisas em histologia, microbiologia e medicina veterinária. Atuou no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia e no Instituto Manguinhos. Trabalhou no Ministério da Agricultura e dirigiu o Instituto Experimental de Veterinária. Faleceu em 1967.



**A NOITE**  
10/3/1939

## “O NOSSO PROGRESSO ECONÔMICO ESTÁ EM ESTREITA DEPENDÊNCIA COM O VALOR DOS SEUS HOMENS DE CIÊNCIA”

**EUZÉBIO DE OLIVEIRA**  
em discurso de despedida da  
Presidência da ABC (16/5/1933)

**CORREIO DA MANHÃ — Domingo, 2 de Setembro de 1945**

### A GUERRA ATÔMICA

#### Moção aprovada pela Academia Brasileira de Ciências

Na ultima sessão da Academia Brasileira de Ciências, o comandante Alvaro Alberto apresentou uma moção sobre o emprego da bomba atômica, a qual está assim redigida:

“A Academia Brasileira de Ciências, tendo em vista os sagrados princípios da fraternidade e do respeito à dignidade da pessoa humana, e em face da autorizada advertência de Niels Bohr, segundo quem o emprego da energia intra-atômica pode constituir “um desafio potencialmente mortal à civilização”, visto como “contra os novos poderes destrutivos não há defesa possível, centralizando-se a questão na cooperação mundial para impedir qualquer uso de novas fontes de energia, que não sirvam à humanidade, como um todo” — formula solenemente a presente moção, perante todos os povos uitos da Terra,

1.º — para que sirva a memorável descoberta ao bem estar e felicidade do genero humano, e de eficaz garantia da liberdade e da dignidade das Nações e dos indivíduos, sem as quais se fariam insubsistentes as próprias razões de viver;

2.º — para que “o maior feito da Ciência organizada, na história” cuja surto, segundo o presidente Truman, acaba de inaugurar a “idade da energia atômica”, efetivamente, conforme suas nobres aspirações, que tão bem refletem as da grande Nação Norte-Americana, “venha a tornar-se poderosa e forte influência para assegurar a paz no mundo”. Rio, 28-8-45 — (Assinados) — Alvaro-Alberto, Ignacio M. Azevedo do Amaral, Menezes de Oliveira, F. Roquete-Pinto, Mario de Britto, Miguel Ozorio de Almeida, Olympio Fonseca, Radler de Aquino, Carneiro Philippe, Alvaro Ozorio de Almeida, Mauricio Joppert, Sodré da Gama, Alix Lemos, F. Parreiras Horta, J. Costa Ribeiro, Lelio Gama, Mello Leitão, Fonseca Costa, Glycon Falva, J. Frazão Milanez, G. M. de Oliveira Castro, Pantoja Leite, Arthur Moses, Afranio Peixoto, Cesar Pinto, Luiz Claudio de Castilho, B. Gross, Mario Saravia, S. N. Oliveira Castro, Romão Braga, R. Rangel, Mario de Andrade Ramos, Lauro Travassos, Dulcídio Pereira, A. Schaeffer, Sylvio Frôres de Abreu, Luiz Faria, Ruy de Lima e Silva, Luciano de Moraes, Arthur do Prado, Mario Pinto, Mathias Roxo, Othon Leonardos, Carlos Chagas, Costa Lima, Roberto Marinho de Azevedo”.

**CORREIO DA MANHÃ**

2/9/1945



### ÁLVARO ALBERTO DA MOTTA E SILVA

1935 a 1937  
1949 a 1951

Nasceu em 1889, no Rio de Janeiro. Coursou a Escola Naval e atingiu o posto de Vice-Almirante da Marinha do Brasil. Diplomou-se engenheiro pela Escola Politécnica. Pesquisou explosivos e, após a Segunda Guerra, interessou-se por energia nuclear. Participou da criação e foi o primeiro presidente do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). Presidiu a Comissão de Energia Atômica da Organização das Nações Unidas. Faleceu em 1976.

A ABC TEVE PARTICIPAÇÃO FUNDAMENTAL  
NA CRIAÇÃO DE DIFERENTES INSTITUIÇÕES  
DE PESQUISA E AGÊNCIAS DE FOMENTO

# INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA NACIONAL



Acervo Mast

**PRIMEIRA REUNIÃO**

do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), em 1951.



**ADALBERTO MENEZES DE OLIVEIRA**

1937 a 1939

Nasceu em 1883, em Minas Gerais. Em 1908, completou o curso de engenharia elétrica na Universidade de Liège, na Bélgica, e especializou-se na Inglaterra e na França. Foi professor da Escola Naval e da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Membro fundador da ABC, faleceu em 1973.

Foi no contexto do pós-guerra, em que a discussão sobre ciência e atuação do Estado fervilhava, que a participação governamental no apoio à pesquisa científica nacional se institucionalizou. Ficou claro para a comunidade científica que, no Brasil, apenas o Estado disporia de recursos para apoiar programas científicos mais amplos. Desta certeza surgiu a proposta de criação de um órgão nacional de fomento, que seria responsável por financiar projetos de pesquisa. A sugestão do Acadêmico Álvaro Alberto da Motta e Silva, endossada pela ABC, foi apresentada ao governo federal em 1946 e se concretizou em 1951, com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq).

Nestas décadas observou-se um processo de institucionalização crescente da ciência brasileira. Além do CNPq, foi criada a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que reforçou o papel do Estado no apoio ao ensino superior e à pesquisa. Em 1948, foi fundada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), iniciativa da qual participaram vários Acadêmicos e que viria, nas décadas seguintes, a atuar em conjunto com

## “EM VERDADE, SE FOI A PESQUISA CIENTÍFICA UMA OCUPAÇÃO DE CIENTISTAS, ANTES DA PRIMEIRA CONFLAGRAÇÃO MUNDIAL, E SE TORNOU DEVER DO ESTADO NO PERÍODO QUE A SUCEDEU, ELA É HOJE – DEPOIS DE 1945 – A ANGUSTIOSA PREOCUPAÇÃO DAS SOCIEDADES ATUALIZADAS”

**CARLOS CHAGAS FILHO**,

em seu discurso de posse na presidência da ABC.

a ABC em diversos momentos e ações pelo desenvolvimento científico do país.

Também foram criados vários institutos de pesquisa: o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), em 1949; o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) e o Instituto de Pesquisas Radioativas (IPR), em 1952; e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em 1961. Membros da ABC tiveram participação importante na criação e

desenvolvimento desses institutos, bem como da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), em 1956.

Paralelamente, no âmbito interno, um fato marcante foi a aquisição, com apoio do governo Juscelino Kubitschek, e inauguração, em 1960, da sede atual da ABC, à rua Anfilóbio de Carvalho, no centro do Rio. A Academia também passou por reformulações de seus estatutos, referentes principalmente à formação do seu quadro e admissão de novos membros. Em 1952, alterou-se a configuração das seções da ABC, que passaram a ser cinco: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Geológicas e Ciências Bioló-

gicas. Todas essas modificações revelavam preocupação, por parte da instituição, de acompanhar o crescimento da comunidade científica nacional, inclusive do ponto de vista geográfico, com São Paulo despontando como importante polo de pesquisa. Neste período, com a redução do número de encontros presenciais entre os membros da ABC, a publicação dos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* teve importância redobrada na divulgação de resultados de pesquisas científicas.



### IGNACIO MANOEL AZEVEDO DO AMARAL

1939 a 1941

Nasceu em 1883, no Rio de Janeiro. Formou-se na Escola Naval. Presidiu o Instituto Técnico Naval, foi diretor na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e da Escola Normal do Distrito Federal, além de reitor na Universidade do Brasil. Como um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Educação, defendeu a melhoria do ensino universitário no país. Faleceu em 1950.

# CIÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO

## ABC REFORMULA SEUS ESTATUTOS E ATUA NA COORDENAÇÃO DE PROJETOS CIENTÍFICOS

A eleição de Carlos Chagas Filho para a presidência da ABC, em 1965, confirmou a ascendência na entidade de pesquisadores da área biológica, que já vinha ocorrendo desde a década de 1930, em relação ao grupo fundador, formado principalmente por engenheiros, matemáticos e físicos. Sua gestão, como as que a seguiram, caracterizou-se por uma preocupação política, relacionada à crescente importância econômica atribuída à pesquisa científica pelas esferas governamentais.

A preocupação traduziu-se em ações concretas, como a criação de cursos de pós-graduação e o aumento dos recursos destinados à ciência e à tecnologia durante o regime militar, que propugnava a promoção do desenvolvimento nacional. Em 1966, o presidente Castelo Branco autorizou a doação de número significativo de Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTNs) à ABC – o equivalente, na época, a US\$ 1 milhão, um investimento que fortaleceu a instituição. No mesmo ano, ele participou da cerimônia comemorativa dos 50 anos da ABC. A entidade teve seu papel destacado no primeiro e no segundo Planos Básicos de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1973/74 e 1975/79).

Em contraste, durante o regime militar muitos cientistas brasileiros, incluindo Acadêmicos, foram perseguidos e exilados. A ABC manifestou preocupação, em agosto de 1965, com a invasão da Universidade de Brasília, que levou, no mês seguinte, ao pedido de demissão de duas centenas de professores – alguns dos quais membros da ABC. No mesmo ano, manifestações de intelectuais e artistas, dentre os quais alguns Acadêmicos, condenavam as práticas do regime militar. Por outro lado, diversos Acadêmicos apoiaram a publicação de um manifesto, no primeiro aniversário do golpe civil-militar, em prol das ações governamentais. Diante do quadro, a ABC adotou uma postura discreta e cuidadosa em relação aos acontecimentos políticos, ao longo do regime militar.

Em 1966, a ABC passou por uma profunda reformulação de estatuto. Além de modificar as categorias de membros, a nova versão detalhou minuciosamente o rigoroso processo seletivo de novos Acadêmicos. Neste período, também, a Academia voltou a fortalecer sua agenda de conferências, reuniões e simpósios, promovendo intercâmbio com instituições nacionais e internacionais. Um exemplo marcante foi a série de



### CÂNDIDO FIRMINO DE MELLO LEITÃO JUNIOR

1943 a 1945

Nasceu em 1886 em Campina Grande, na Paraíba. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e trabalhou em diversos hospitais, tendo dirigido a Casa dos Expostos. Estagiou em instituições francesas e lecionou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e no Museu Nacional, sendo reconhecido mundialmente por seus estudos sobre aracnídeos. Faleceu em 1948.

**“NÓS NOTAMOS CERTA DIFICULDADE NO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO NO BRASIL, POIS ESTA É UMA ATIVIDADE NÃO APENAS NACIONAL: DEPENDE DO INTERCÂMBIO ENTRE PAÍSES E DA IMPORTAÇÃO DE INFORMAÇÕES, MATERIAIS, EQUIPAMENTOS. A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL TAMBÉM TEM ATINGIDO O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA E, AQUI, NOS DEFRONTAMOS COM O PROBLEMA DE NÃO PODER ESPERAR.”**

**ARISTIDES PACHECO LEÃO**

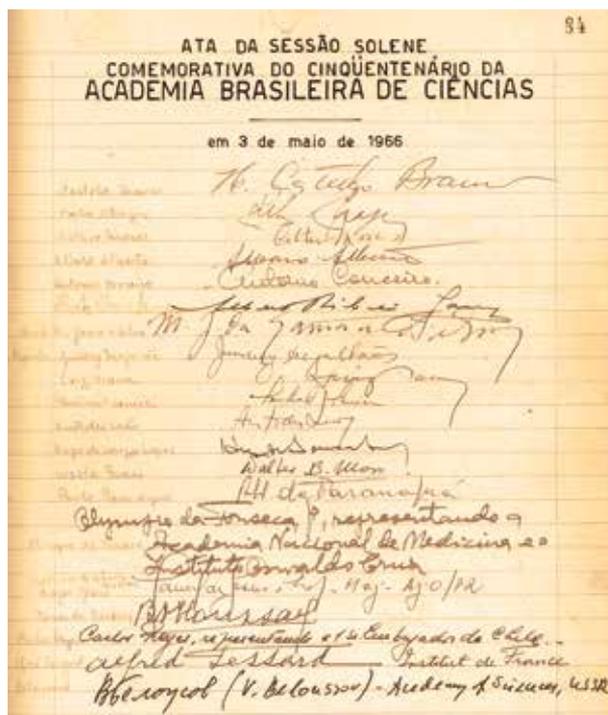
em entrevista a jornalistas (1977)

conferências realizadas em parceria com a IBM, que trouxe ao Brasil renomados pesquisadores estrangeiros, muitos deles ganhadores de prêmios Nobel, para falar sobre economia, química e matemática.

Do ponto de vista institucional, a ABC procurou estabelecer ou fortalecer convênios já existentes com suas congêneres estrangeiras, incluindo a Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência e os Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos. A instituição reforçou suas atividades científicas, lançando-se na coordenação de programas de pesquisa multidisciplinar sobre uma variedade de temas, incluindo o estudo da flora amazônica, da biodiversidade do Nordeste e do cerrado do estado de Minas Gerais. Participou, ainda, por meio de seus membros, da criação dos primeiros cursos de pós-graduação em diferentes universidades brasileiras.

#### PRIMEIRA PÁGINA

da Ata da sessão comemorativa do Cinquentenário da ABC, sendo a primeira assinatura a do presidente Castelo Branco.



Arquivo ABC



**MARIO PAULO DE BRITO**

**1945 a 1947**

Nasceu em 1894, no Rio de Janeiro. Formou-se engenheiro geógrafo e civil, doutor em ciências físicas e naturais. Lecionou e dirigiu o Instituto de Educação do Distrito Federal. Foi também professor da Escola Politécnica, onde havia se formado, além de um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Educação. Faleceu em 1974.

JORNAL DO BRASIL

quarta-feira, 27.5.92 Ecologia &amp; Cidade 5

# Comissão vai fiscalizar países poluentes

As emissões de gases poluentes, como o dióxido de carbono, serão fiscalizadas por uma comissão internacional, que aprovará os países que mais contribuírem para o superaquecimento terrestre.



A criação dessa comissão foi decidida ontem pelo ministro da Educação e secretário interno de Meio Ambiente, José Goldemberg, como aspecto importante da convenção sobre alterações climáticas, que será assinada durante a Rio 92.

Outro aspecto importante da convenção sobre mudanças do clima, segundo Goldemberg, será a utilização do GEF (Global Environment Facility), o fundo para meio ambiente ligado ao Banco Mundial, como agente de financiamento dos programas para redução das emissões dos gases poluentes.

Criado há dois anos, o GEF terá seus recursos ampliados em pelo menos cinco vezes, o que elevará seu financiamento para mais de US\$ 5 bilhões por ano para poder fazer frente aos planos ambientais em diversas áreas.

Aprovado em recente reunião em Nova Iorque, o texto da convenção climática prevê que o acompanhamento dos esforços dos países para reduzir suas emissões de gases que provocam o chamado efeito estufa será fiscalizado por um secretariado integrado por representantes dos países que assinarem a convenção.

"O estabelecimento de mecanismos de vigilância da aplicação da convenção e a escolha do GEF como seu agente financeiro representam os principais progressos no tratado sobre o clima", afirmou Goldemberg.

O ministro também comentou a outra convenção que será assinada no Rio, sobre biodiversidade, que trata da proteção e utilização dos recursos naturais do planeta.



## EUA ignoram efeito da poluição

A sociedade norte-americana não dá a menor importância para a emissão de CO<sub>2</sub> (gás carbônico) na atmosfera, responsável maior pelo efeito-estufa que provoca o superaquecimento da Terra, o eventual derretimento dos pólos e, em consequência, o possível aumento do volume de água do planeta. Por isso, dificilmente o governo americano vai aceitar, no rumo de cúpula da Rio-92, a taxação dos responsáveis pelo lançamento desse gás, produzido principalmente pela queima de combustíveis e por outras atividades.

Essa prognóstica nada otimista é do professor doutor do Centro de Energia e Meio Ambiente da Universidade de Pensilvânia, nos EUA, Mark Brenner, um dos expoentes da palestra sobre Flareamento Energético e Meio Ambiente, ontem, na Rio-Ciência 92 — evento paralelo à conferência das Nações Unidas, realizada no campus da UFRJ da Praia Vermelha, na Urca.

"Os Estados Unidos não assumem a responsabilidade pelo efeito-estufa e a opinião pública não cobra das autoridades uma posição porque não sente as consequências imediatas do problema", pondera Mark Brenner. Ele afirmou que a taxação dos responsáveis pela emissão na atmosfera da SO<sub>2</sub> inócuo, produzido pela

queima de combustíveis fósseis, em especial o carvão mineral, criada há dois anos, só foi possível porque a população sentiu os efeitos da chuva ácida nos estados mais industrializados do país. Ou seja, é possível que a sociedade americana só se conscientize do significado do efeito-estufa quando, e se, parte do seu território for invadido pelas águas ou um colapso climático acontecer.

Os dois expositores estrangeiros dessa palestra — Mark Brenner e o francês Jean Charles Hourcade, do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (Paris) — não tinham boas notícias, ao que diz respeito aos possíveis acordos internacionais destinados a solução de questões ambientais.

Para Hourcade, a proposta da Comissão de Comunidade Europeia de criação de um fundo ambiental, com recursos provenientes das taxas cobradas pelos produtores de poluição, dificilmente será aprovada. Isso porque toda país tem um problema diferente: a França, a questão nuclear; a Alemanha, a queima de carvão, por exemplo.

"Dificilmente chegaremos a um consenso sobre qual das formas de poluição é a mais nociva. No fundo, ninguém quer pagar o ócio", opinou Hourcade.

## Parlamento da Terra dá voz a todos

Comunidades e grupos étnicos debatem alternativa de utilização secular da natureza

Práticas alternativas seculares de utilização da natureza vão estar em debate no Parlamento da Terra, que se realizará de 1<sup>o</sup> a 15 de junho. O evento promete fazer jus ao nome e dar voz a todos os participantes — representantes não apenas de organizações não-governamentais, mas de comunidades e grupos étnicos, como agricultores, seringueiros, quilombos, caboclos, nativos e índios. O encontro pretende aproximar povos indígenas e tradicionais (os nativos) e ambientalistas e cientistas do mundo todo.

Embora integre a programação oficial do Fórum Global, o Parlamento da Terra não acontecerá no Alameda. A programação prevê um ciclo de debates no auditório do BNDES, no Centro, e atrações artísticas no Circo Voador. Os temas serão debatidos segundo três enfoques: a situação das comunidades nativas, diante de problemas como desterramento, perda ambiental, pressão demográfica, posse das terras e uso do solo; as relações dessas comunidades, que podem acabar se envolvendo com problemas como corrupção de líderes locais, desenvolvimento não

sustentável e conflitos de geração; e soluções futuras, como mecanismos de compensação para aproveitamento comunitário de conhecimentos tradicionais.

"Queremos mostrar que as alternativas que os chefes de Estado estão procurando para resolver os problemas ambientais de seu país já existem. Falta é reconhecer os direitos das pessoas que conhecem essas alternativas e dar a elas condições não só de sobreviverem, mas de como utilizar melhor o meio ambiente", analisa o antropólogo americano David Foley, estudioso dos índios brasileiros e organizador do evento. "É preciso fazer transferência de tecnologia de baixo para cima. Isso sempre foi feito ao construir, ignorando-se variedades, os troncos da humanidade."

Posey acredita que mesmo em países grandes e populosos é possível se empregar práticas desenvolvidas em pequenas comunidades. "A China, país mais populoso do mundo, tem sua medicina baseada na fauna e flora tradicionais", exemplifica Posey. "Temos que reverter os dados oficiais, que têm base científica e estatística,

com novos dados, que proveem que alternativas existem", diz o antropólogo para quem resolver a questão depende mais de ação do que de discurso. "Dar mais dinheiro para um sistema que está destruído é como pôr mais combustível na fogueira", compara.

Cerca de 2 mil pessoas são esperadas por dia no Parlamento da Terra. Para a abertura, dia 1<sup>o</sup>, às 9h, no BNDES, foi reservado o tema Focos de Salinco, onde se dará espaço à reflexão sobre a importância da Rio-92. Ao longo do evento, vários grupos também terão show, no Circo Voador, dias 6, 7 e 8 — Foco das Crianças, Foco das Avózinhas e Foco das Povo Indígenas, grupos que debaterão suas preocupações com os problemas ambientais atuais e o futuro do planeta.

Os dias 3, 4 e 5 ficarão reservados a debates sobre temas científicos, como sistemas terapêuticos não ocidentais, reservas exsativadas e modelos alternativos da terra, uso atômico e perda da diversidade bio-cultural, sempre no BNDES. "Temos que trazer a crise global para as comunidades, para que o povo entenda a crise que vai enfrentar", diz Posey.

No auditório haverá, também, mostras de vídeo, artesanato e até uma demonstração de preparação de bebidas artesanaismente. O evento inclui também uma ida ao Fluminese, dia 12, onde os visitantes poderão aprender sobre a importância do caju para os povos indígenas e tradicionais e sobre cuidados ecológicos; e uma exposição sobre a Círculo Central, no Paço Imperial, que já foi inaugurada, coordenada pela socióloga Denise Ham de La Penha, com consultoria científica de Marcio D'Almeida Campos. O encontro vai terminar com um grande baile no Circo Voador, na noite do dia 15.

Na verdade, o evento batizado com o nome de Parlamento da Terra vai ser uma reunião preparatória para a criação de um parlamento de fato, permanente, envolvendo todos os países do mundo. "Queremos criar uma assembleia geral dos povos, fora da ONU, mas que tenha representantes em Nova Iorque e em Genebra. Ao longo desses 15 dias, vamos justamente discutir como isso será feito", diz Posey.

# DO BRASIL AO MUNDO

ABC EXPANDE SUAS ATIVIDADES INTERNACIONAIS, PARTICIPANDO DE DISCUSSÕES GLOBAIS

## ABC, SBPC e UFRJ

organizaram a RioCiência92. Entre as questões discutidas estavam os desastres ecológicos causados por hidrelétricas na Amazônia.



## CARLOS CHAGAS FILHO

1965 a 1967

Nasceu em 1910, no Rio de Janeiro. Formado pela Faculdade Nacional de Medicina, especializou-se em biofísica, farmacologia e diferenciação celular. Fundou e dirigiu o Instituto de Biofísica, levando a pesquisa para a universidade. Ocupou cargos na Fundação Oswaldo Cruz. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Academia de Ciências do Vaticano. Faleceu em 2000.

Reprodução



Reprodução

**1992**

À esquerda, o Acadêmico e ministro da Ciência e Tecnologia (1992 a 1999) José Israel Vargas e o presidente da República, Itamar Franco.

À direita, abertura da RioCiência92. O Acadêmico José Goldemberg, ministro da Educação (1991 a 1992), é o segundo da esquerda para a direita.

O Brasil foi redemocratizado. Em 1985, foi criado o Ministério da Ciência e Tecnologia. A nova Constituição, promulgada em 1988, incluiu um capítulo dedicado à ciência e à tecnologia. Nas décadas de 1990 e 2000, alguns Acadêmicos vieram a ocupar o cargo de ministro, o que ajudou a estreitar as relações da Academia com o governo. O apoio governamental permitiu à instituição investir em novas frentes, como a produção de programas de televisão dedicados a temas ambientais e a expansão da cooperação científica internacional.

Em 1986, foi instalada na ABC a comissão brasileira do Programa Internacional Geosfera-Biosfera, uma rede global de cientistas voltada ao estudo das mudanças climáticas globais e do sistema terrestre, com vistas à compreensão das alterações ambientais em curso no planeta. O Programa faz parte das atividades do Conselho Internacional para a Ciência (ICSU, na sigla em inglês) – uma das mais antigas

organizações não governamentais do mundo, dedicada ao debate interdisciplinar de questões científicas relevantes –, do qual a Academia foi designada como representante brasileiro, em 1992, e o Acadêmico Hernan Chaimovich viria a ser vice-presidente entre 2005 e 2008.

No mesmo ano, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento (Eco-92), no Rio de Janeiro, a Academia promoveu, em conjunto com a SBPC e a UFRJ, uma série de discussões sobre as relações entre ecologia, ciência e política. O evento recebeu o nome de RioCiência-92.

Entre as iniciativas de cunho científico, destacou-se a criação da revista *Pesquisa Antártica Brasileira*, em 1989, com apoio do CNPq. Publicado inicialmente como suplemento dos *Anais da ABC*, o periódico divulga até hoje os resultados de pesquisas realizadas no âmbito do Programa Antártico Brasileiro.



## ARISTIDES AZEVEDO PACHECO LEÃO

1967 a 1981

Nasceu em 1914, no Rio de Janeiro. Ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1932. Em 1940, viajou para os Estados Unidos e obteve graus de mestre e doutor pela Universidade de Harvard. Suas pesquisas foram fundamentais para a compreensão de doenças como a epilepsia e a enxaqueca. Lecionou na Universidade do Brasil e faleceu em 1993.

# PORTA-VOZ DA CIÊNCIA BRASILEIRA

COMPOSTA POR UM EXCEPCIONAL CONJUNTO DE CIENTISTAS, A ABC EXPANDE SUAS ATIVIDADES E SE AFIRMA POLITICAMENTE NA PROMOÇÃO DA CIÊNCIA

A atuação de Acadêmicos em ministérios, principalmente no de Ciência e Tecnologia, e sua parceria com a SBPC reforçaram a posição da Academia junto aos governos e ao Congresso Nacional na formulação de políticas científicas e educacionais. A instituição passou a ter participação ativa nos principais conselhos e comissões nacionais na área da política científica e tecnológica, empenhando-se ativamente na luta por mais recursos para a ciência e a tecnologia, além de participar nas Conferências Nacionais de Ciência e Tecnologia de 2001, 2005 e 2010 e na criação dos fundos setoriais perenes para a pesquisa científica.

Paralelamente, a Academia passou por modificações estruturais que ampliaram sua atuação científica. A instituição expandiu progressivamente suas áreas especializadas, até chegar à configuração atual, com dez seções: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências da Terra, Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências da Engenharia e Ciências Sociais.

Geograficamente, também se espalhou pelo território nacional. Em 2007, foram criadas Vice-presidências Regionais em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte, com a presença da Diretoria da ABC por todo o país. Em cada região, pelo menos duas atividades da ABC passaram a ocorrer anualmente, uma delas com a eleição, pelos membros locais, de destacados jovens cientistas de até 40 anos, designados Membros Afiliados, que ficam nessa categoria por um período de cinco anos. Mais de 150 cientistas já passaram por essa categoria e, até 2016, três já haviam sido incorporados ao quadro de Titulares da ABC. Também foi criada a categoria de Membro Institucional,

## ABERTURA

do Fórum Mundial de Ciência



Cristina Lacerda - Acervo ABC



## MAURÍCIO MATOS PEIXOTO

1981 a 1991

Nasceu em 1921, em Fortaleza, Ceará. Formou-se engenheiro civil pela Universidade do Brasil, onde mais tarde lecionou. Seus estudos foram fundamentais para o desenvolvimento de uma escola de matemática no Brasil. Dirigiu o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, que ajudou a fundar.

de caráter público ou privado, o que trouxe grande visibilidade à Academia, pela realização de atividades de interesse comum da ABC e tais instituições, além de novos aportes financeiros. Em 2009, houve ampla aprovação dessas inovações, com sua incorporação ao estatuto.

Internacionalmente, a ABC expandiu sua atuação junto à Academia de Ciências do Terceiro Mundo (TWAS, na sigla em inglês, atualmente chamada Academia Mundial de Ciências). A parceria estreitou-se ainda mais com a realização da 6ª conferência da TWAS no Rio de Janeiro, em 1997. Posteriormente, o presidente da ABC, Jacob Palis, foi eleito presidente da TWAS por dois mandatos, de 2007 a 2012.

Outro evento de grande relevância, organizado pela ABC em parceria com a Academia de Ciências da Hungria, com o apoio da Unesco, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e de várias entidades nacionais e internacionais, foi o Fórum Mundial de Ciências, no Rio de Janeiro, em 2013. Tendo como tema “Ciência para o Desenvolvimento Sustentável”, a reunião envolveu cerca de mil pesquisadores para debater o papel e as responsabilidades da ciência no século XXI.

Na década de 1990, a Academia havia participado ativamente das negociações que levaram, em 2000, à fundação do Painel InterAcademias (IAP, na sigla em inglês, e atual Rede Global de Academias de Ciências), que reúne academias de mais de 100 países para discutir e divulgar os aspectos científicos de diferentes

questões globais, como a dinâmica populacional, as mudanças climáticas e a clonagem reprodutiva, entre outras. A ABC manteve posição de destaque no órgão, tendo o Acadêmico Eduardo Moacyr Krieger como vice-presidente de 2000 a 2003 e pertencendo ao Comitê Executivo até 2009. A ABC foi eleita, também, para um grupo mais restrito, o Conselho InterAcademias (IAC), em que 13 países se articulam para realizar projetos de pesquisa internacionais. Eduardo Krieger também integrou o Comitê Executivo deste órgão, representando a ABC de 2000 a 2010.

Em 2013, o IAP reuniu-se no Rio de Janeiro, em evento com cientistas de 51 países, organizado pela ABC com foco na erradicação da pobreza e no desenvolvimento sustentável.

Em 2004, foi fundada, com o apoio da ABC, a Rede Interamericana de Academias de Ciências (lanas), tendo como presidente o Acadêmico Hernan Chaimovich. O objetivo era que a criação de uma rede regional de academias de ciências apoiasse a cooperação nas Américas, fortalecendo a ciência e a tecnologia para o avanço da pesquisa, da prosperidade e da igualdade na região.

No âmbito nacional, a ABC conduziu uma série de estudos estratégicos sobre temas de grande relevância, como recursos hídricos, reforma do ensino superior, uso sustentável de recursos da Amazônia, doenças negligenciadas, aprendizagem infantil e ensino de ciências na educação básica. Os projetos foram desenvolvidos por grupos seletos de especialistas e seus resultados foram publi-



A arte: Pedro Airmando

### LOGOTIPO DA ABC

para evento das Vice-Presidências regionais, indicando talentos originários de todas as regiões fazendo o país brilhar.

cados como contribuições destinadas à formulação de políticas públicas.

A ABC investiu, ainda, no estímulo às vocações científicas, com a criação, em 1994, do Programa Aristides Pacheco Leão, que abriu a jovens universitários a oportunidade de estagiar em laboratórios dirigidos por acadêmicos durante as férias de verão. O projeto, que teve apoio do CNPq, foi interrompido em 2005 e retomado em 2014, desta vez com foco no treinamento de jovens da região amazônica, que realizam estágios em diferentes estados do Brasil, com apoio da Capes.

Junto à Unesco e com apoio da L'Oréal, a ABC participa, ainda, do prêmio “Para mulheres na ciência”, que concede recursos a jovens pesquisadoras para o desenvolvimento de seus projetos nas diversas áreas do conhecimento, em outra iniciativa visando a formação de novos talentos para a ciência.



### OSCAR SALA

1991 a 1993

Nasceu na Itália em 1922. Físico pela USP, construiu transmissores portáteis para o Exército e fundou laboratórios de física nuclear. Presidiu a SBPC e a Fapesp. Eleito presidente da ABC, afastou-se por questões de saúde e foi substituído por Vargas. Faleceu em 2010.



### JOSÉ ISRAEL VARGAS

1991 a 1993

Nasceu em Minas Gerais em 1928. Químico pela Universidade Federal de Minas Gerais, físico pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica, doutorou-se em ciências nucleares pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Foi presidente do Conselho Executivo da Unesco e ministro da Ciência e Tecnologia.

# MAIS CE



**LUIZ DAVIDOVICH**

Presidente eleito para o período 2016-2018



**EDUARDO MOACYR KRIEGER**

1993 a 2007

Nasceu em 1928 em Cerro Largo, no Rio Grande do Sul. Formou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, estudou fisiologia em Buenos Aires, estagiou nos Estados Unidos e fez doutorado na Universidade de São Paulo. Atua no Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, onde lidera uma equipe de pesquisa sobre hipertensão.

# MANOS

**D**e 1916 a 2016, a Academia Brasileira de Ciências foi testemunha e parte ativa do grande progresso da ciência no Brasil. Em um período marcado por uma guerra mundial que inaugurou a era das armas nucleares, por instabilidades políticas que afetaram a democracia no país e por crises econômicas que prejudicaram o desenvolvimento nacional, a ciência brasileira avançou, multiplicou suas áreas de atuação, afirmou-se internacionalmente e espalhou-se nas diversas regiões do país. Nesses 100 anos, a ABC destacou-se como defensora da ciência, da educação e da inovação como eixos estruturantes do desenvolvimento nacional.

Para o futuro, impõem-se novos desafios. O patamar alcançado pela ciência e tecnologia no país permite enxergar um horizonte mais amplo, vislumbrar oportunidades e almejar um novo salto de qualidade. É preciso aumentar o impacto internacional da ciência brasileira – o que pressupõe financiamento público adequado –, melhorar a educação básica, renovar a educação superior, estimular a inovação. Enfrentar esses desafios é condição necessária para que o Brasil possa ter um desenvolvimento econômico e social sustentável.

A ABC certamente terá um papel importante na consecução desses objetivos, como centro de pensamento capaz de mobilizar os melhores cientistas em torno de temas relevantes para o país. Que seja, nos próximos 100 anos, interlocutora ativa da sociedade brasileira, promotora do conhecimento científico, protagonista no cenário internacional, defensora da excelência acadêmica e da centralidade da ciência e da tecnologia no processo de desenvolvimento nacional.



**JACOB PALIS JUNIOR**

2007 a 2016

Nasceu em Uberaba, Minas Gerais, em 1940. Formou-se em engenharia na Universidade do Brasil e doutorou-se em matemática na Universidade da Califórnia, Berkeley. No Impa, trabalha com sistemas dinâmicos, tendo orientado 42 doutores. Foi diretor do Impa (1993-2003), presidente da União Matemática Internacional (1998-2002) e da TWAS (2007-2012). Contribuiu para projetar a matemática e a ciência do Brasil internacionalmente.



**HISTÓRIA EM**

**DA FUNDAÇÃO AOS 100 ANOS,  
SELECIONAMOS ALGUNS DOS FATOS MAIS  
MARCANTES DA TRAJETÓRIA DA ACADEMIA  
BRASILEIRA DE CIÊNCIAS.**

# CONSTRUÇÃO

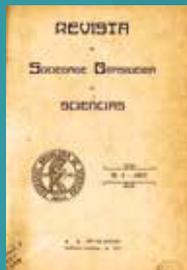
Convidamos o leitor a acompanhar, nas próximas páginas, como a ABC vem atuando junto à sociedade brasileira para promover a ciência como ferramenta para mudar o mundo. Embora resumida, a seleção que mostramos a seguir permitirá ao leitor ter uma visão geral das atividades da Academia, além de compreender como a instituição se reinventou em cada momento histórico, acompanhando os anseios e as demandas da comunidade científica de cada época.

## UMA INSTITUIÇÃO PARA PROMOVER A CIÊNCIA BRASILEIRA



Acervo ABC

Posse da primeira diretoria, presidida por Henrique Morize.



Acervo ABC

Criação da *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências*.

1917

# 1916

FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE  
BRASILEIRA DE CIÊNCIAS  
NA ESCOLA POLITÉCNICA  
DO RIO DE JANEIRO.

1921



Acervo FBN

A Sociedade Brasileira de Ciências muda seu nome para Academia Brasileira de Ciências (ABC).

## EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ABC

1923

Acervo Roquette-Pinto - ABL



Roquette-Pinto lidera criação da Rádio Sociedade, que funciona na ABC.

A ABC manifesta-se pela liberdade de acesso à telefonia sem fio, processo que fomenta a radiocomunicação.

Augusto Malta - Acervo MIS RJ



A ABC ganha nova sede: o Pavilhão Tchecoslovaco, construído para a Exposição Universal do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, em 1922.

Membros da ABC participam da fundação da Sociedade Brasileira de Educação, atual Associação Brasileira de Educação (ABE).

1924

Careta, 16/5/1925 – Acervo FBN



Albert Einstein, autor da teoria da relatividade, realiza conferência na ABC. Torna-se membro correspondente da Academia.

1925

Augusto Malta – Acervo MIS RJ



Retorno da ABC à Escola Politécnica.

1928

Reprodução



Marie Curie, ganhadora de dois prêmios Nobel, faz palestra na ABC. Torna-se a primeira mulher membro correspondente da Academia.

Careta, 16/11/1926 – Acervo FBN



Emília Snethlage (ao centro), zoóloga alemã que vivia no Brasil desde 1905, também torna-se membro correspondente da ABC.

A ABC tem sua primeira atuação internacional, representando o Brasil numa reunião do Conselho Internacional de Pesquisas, na Bélgica.

1926

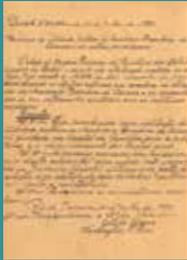
1929

Publicação do primeiro número dos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*.

# INTERAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

## 1934

Acervo ABC



Por decreto de 14 de julho, a ABC é reconhecida pelo chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, como instituição de utilidade pública.

Acervo Memória USP



O Acadêmico Teodoro Ramos tem papel relevante na fundação da Universidade de São Paulo (USP).

Arquivo Roquette Pinto – Acervo ABL



Roquette-Pinto cria e dirige o Instituto Nacional de Cinema Educativo.

## 1941

Acervo FBN



ABC patrocina Simpósio Internacional sobre Raios Cósmicos, com participação do prêmio Nobel de Física Arthur Compton.

## 1936

Acervo ABC



Membros da ABC participam da criação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Na foto, dois deles: Joaquim Costa Ribeiro e Lauro Travassos.

## 1935

Acervo FBN



A ABC participa da Comissão de Metrologia, de âmbito nacional.

## 1938

# INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA NACIONAL

Acervo SBPC



Diversos Acadêmicos participam da criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

1948

1951

Arquivo pessoal

Arquivo pessoal



A ABC recebe suas primeiras associadas brasileiras: as matemáticas Maria Laura Mouzinho (à esquerda) e Marília Chaves Peixoto.

Por proposta do Acadêmico Álvaro Alberto da Motta e Silva, é criado o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq).

Também foi criada a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com participação de membros da ABC.

Acervo ABC



Após lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, ABC organiza debates públicos e divulga manifesto sobre uso da energia atômica. Na foto, o Almirante Álvaro Alberto na ABC.

1945

Acervo CBPF



Fundado o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), por vários Acadêmicos. Na foto: atrás, César Lattes, Hideki Yukawa e Walter Schutzer. Na frente, Hervásio de Carvalho, José Leite Lopes e Jayme Tiomno. Lattes, Tiomno, Leite e Hervásio são fundadores do CBPF.

1949

1961

Creative Commons



Visita a ABC o ganhador do prêmio Nobel Peter Medawar, nascido no Brasil e radicado na Inglaterra.



Diversos Acadêmicos contribuíram para a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Acervo FBN



O presidente Arthur Moses, com outros Acadêmicos e cientistas brasileiros, assina manifesto condenando as explosões nucleares.

1956



Instituída a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), integrada, entre outros, por membros da Academia.



Fundados, com participação de membros da ABC, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), o Instituto de Pesquisas Radioativas (IPR) e o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa).

1960

Acervo ABC



A ABC ocupa sua nova sede na rua Anfilóbio de Carvalho, no centro do Rio de Janeiro, com recursos do governo do presidente Juscelino Kubitschek.

1952

# CIÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO

Na celebração dos 50 anos da ABC, o presidente Castelo Branco doa Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional à instituição, no valor equivalente à US\$ 1 milhão.

Como parte das comemorações dos 50 anos da ABC, o vice-presidente Paschoal Senise conduz na USP a primeira sessão regular da Academia na cidade.

Acervo ABC



Primeiro Simpósio Brasileiro de Paleontologia, na sede da ABC, reúne pesquisadores da América Latina.

1978

## IBM debate ciência e tecnologia

Começa dia 21 a 1a Conferência IBM de Ciência e Tecnologia, com a palestra Energy and Matter in Technology Assessment, pelo professor Nicholas Georgescu-Roegen da Universidade de Vanderbilt (EUA), especialmente convidado. Será às 18h30m no auditório da Academia Brasileira de Ciências, co-patrocinadora com a IBM do Brasil.

Acervo Jornal do Brasil - CPDocJIB

Primeira Conferência IBM de Ciência e Tecnologia, série que promove a interação entre academia e indústria, com a participação de cientistas estrangeiros.

1966

1970

1965

1968

Arquivo Central - UnB

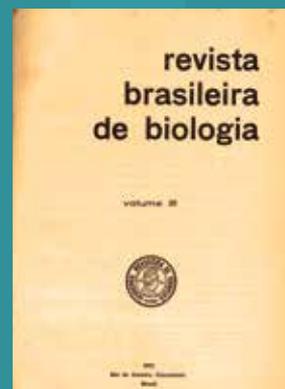


O presidente da ABC, Carlos Chagas Filho, manifesta apreensão com relação à invasão da Universidade de Brasília (UnB) por militares, em telegrama ao presidente Castelo Branco.



O Ato Institucional nº 5 (AI-5) pune diversos Acadêmicos. Durante todo o regime militar, cerca de 50 membros da ABC foram atingidos por ações ditatoriais.

Acervo ABC



A ABC assume a *Revista Brasileira de Biologia*, criada em 1940 pela Sociedade Brasileira de Biologia, com foco na fauna e na flora neotropicais.

1971

## DO BRASIL AO MUNDO

## PORTA-VOZ DA CIÊNCIA BRASILEIRA

GLOBAL  
**IGBP** International  
Geosphere-Biosphere  
Programme  
CHANGE

Instalação, na ABC, da Comissão Nacional do Programa Internacional Geosfera-Biosfera, destinado a estudar as alterações ambientais no planeta.

1986



ABC é designada pelo CNPq representante nacional no Conselho Internacional para a Ciência (ICSU).

Junto com a SBPC e a UFRJ, a ABC organiza a RioCiência 92, evento paralelo à Conferência das Nações Unidas Eco 92.

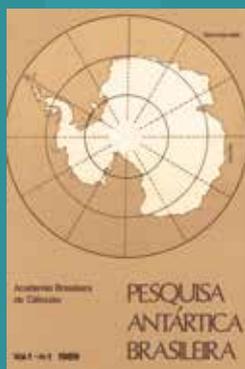
1992



ABC participa da fundação do Painel Interacadêmico sobre Questões Internacionais, atualmente chamado Rede Global de Academias de Ciências (IAP).

Lançamento do *Boletim do Acadêmico*, informativo eletrônico da ABC, atual *Notícias da ABC*.

Acervo ABC



Criação da revista *Pesquisa Antártica Brasileira*, publicada pela ABC, para divulgar os resultados do Programa Antártico Brasileiro (Proantar).

1989

1994

Acervo ABC



Criação do Programa Aristides Leão de Estímulo a Vocações Científicas, que oferece estágios para estudantes em laboratórios de Acadêmicos. Foi reativado em 2014, direcionado a jovens da região amazônica.

Arquivo pessoal



ABC promove a realização da 6ª Conferência Geral da TWAS.

1997



Criação do Programa ABC na Educação Científica, em parceria com a Academia de Ciências da França.

2001



Fundação da Rede Interamericana de Academias de Ciências (Ianas), tendo como primeiro presidente o Acadêmico Hernan Chaimovich (2004 a 2010).

2004

A ABC assume sua configuração atual: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências da Terra, Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências da Engenharia e Ciências Sociais.

2006

Acervo ABC



ABC, L'Oréal e Unesco criam a edição brasileira do programa "Para Mulheres na Ciência", para premiar jovens pesquisadoras.

2007

Acervo ABC



ABC promove a primeira conferência "Avanços e Perspectivas da Ciência no Brasil, América Latina e Caribe".

Arte: Pedro Armando



Criação de seis vice-presidências regionais e da categoria de jovens membros afiliados, eleitos anualmente por região.

2008



Conferência de Geociências nos Países de Língua Portuguesa com o tema "Um passado comum para um futuro de integração". Patrocinada pela ABC, a atividade celebra o Ano Internacional da Terra.

2009

Arte: Pedro Armando



ABC recebe a VII Conferência e Assembleia Geral da Rede Global das Academias de Ciências (IAP), que discute a contribuição da ciência na erradicação da pobreza e no desenvolvimento sustentável.

WSF



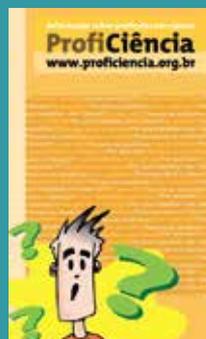
ABC recebe 500 cientistas de mais de 100 países no 6º Fórum Mundial de Ciência, organizado em conjunto com a Academia de Ciências da Hungria.

Reprodução



2010

Arte: Sandra Frias



Lançamento do *site* ProfiCiência, desenvolvido pela ABC com apoio da Faperj, que informa os jovens sobre as possibilidades de atuação profissional nas diversas áreas da ciência.

Acervo ABC



Realização do simpósio “Recursos Hídricos na Região Sudeste: Segurança Hídrica, Riscos, Impactos e Soluções”. Na foto, o Acadêmico e coordenador José Tundisi e participantes do evento.

2014

A ABC  
CELEBRA  
100 ANOS!

2015

2016

O Valor da Ciência  
Reunião Magna 2015

4, 5 E 6 DE MAIO - ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

Reunião Magna da ABC, com o tema “O Valor da Ciência”, aborda o valor intrínseco de atividade científica e ressalta seu valor fundamental para o desenvolvimento socioeconômico e para a superação das crises.

PUBLICAÇÕES

# CIÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO ESTUDOS ESTRATÉGICOS

2004



**SUBSÍDIOS PARA A  
REFORMA DO ENSINO SUPERIOR**

Visa contribuir para a implantação de um sistema comprometido com a qualidade do ensino e da pesquisa e que possa servir de esteio para o desenvolvimento do país.

2008



**O ENSINO DE CIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO BÁSICA:  
PROPOSTAS PARA SUPERAR A CRISE**

Apresenta uma proposta detalhada de ações visando à construção de uma política de Estado para a correção do quadro atual da educação básica.



**AMAZÔNIA: DESAFIO BRASILEIRO DO SÉC. XXI**

Lança as bases para um novo paradigma de desenvolvimento para a Amazônia: um modelo sustentável em termos ambientais, e que gere empregos, renda e inclusão social.

# INVESTIMENTO NACIONAL CICLOS

## 2010



### **DOENÇAS NEGLIGENCIADAS**

Apresenta propostas para concretizar a participação da ciência brasileira no desenvolvimento da área no país.



### **ÁGUAS DO BRASIL: ANÁLISES ESTRATÉGICAS**

Analisa o funcionamento e gestão dos sistemas hídricos no país, visando contribuir na formulação de políticas públicas para o setor.

## 2011



### **APRENDIZAGEM INFANTIL: UMA ABORDAGEM DA NEUROCIÊNCIA, ECONOMIA E PSICOLOGIA COGNITIVA**

Defende maior investimento em educação nos primeiros quatro anos de vida da criança.



### **O CÓDIGO FLORESTAL E A CIÊNCIA, CONTRIBUIÇÕES PARA O DIÁLOGO**

Em parceria com a SBPC, é baseado em novos conceitos e instrumentos tecnológicos para o planejamento territorial.

## 2014



### **RECURSOS HÍDRICOS NO BRASIL**

Uma visão estratégica para a otimização desses recursos, de uma perspectiva multidisciplinar.



### **MEDICINA TRANSLACIONAL: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS**

Destaca essa área que visa reduzir a lacuna entre o conhecimento gerado pela pesquisa fundamental e a tradução deste conhecimento em ações que beneficiem o paciente.

## COMISSÃO DO CENTENÁRIO DA ABC

Américo Fialdini Junior  
Carlos Alberto Aragão de Carvalho Filho  
Débora Foguel  
Helena Nader  
Hernan Chaimovich  
Ildeu de Castro Moreira  
Jacob Palis Junior  
João Fernando Gomes de Oliveira  
João Alziro Herz da Jornada  
Jorge Almeida Guimarães  
José Murilo de Carvalho  
Luiz Davidovich  
Almirante Sergio Roberto Fernandes dos Santos

## PESQUISA HISTÓRICA

José Murilo de Carvalho COORDENADOR  
Diogenes de Almeida Campos CONSULTOR  
Ildeu de Castro Moreira CONSULTOR  
Maria Regina Hippolito von der Weid PESQUISADORA  
Vicente Saul Moreira dos Santos PESQUISADOR

## PESQUISA ICONOGRÁFICA

Maria Regina Hippolito von der Weid  
Vicente Saul Moreira dos Santos  
Ildeu de Castro Moreira

## TEXTO

José Murilo de Carvalho CONSULTOR  
Elisa Oswaldo-Cruz Marinho EDITORA RESPONSÁVEL  
Ildeu de Castro Moreira EDITOR CIENTÍFICO  
Catarina Chagas REDATORA

## DESIGN GRÁFICO

Pictorama Design

## COLABORADORES

Bruno Ribeiro Azevedo  
Clarice Cudischevitch  
Samil Chalupe

## AGRADECIMENTOS

Academia Brasileira de Letras ABL  
Acervo Roquette-Pinto ABL  
Ângela Fatorelli FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL FBN  
Arquivo Central da Universidade de Brasília UNB  
Associação Brasileira de Educação ABE  
Cássio Leite Vieira  
Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas CBPF  
Centro Técnico Audiovisual CTAV  
Diários Associados DA  
Empresa Brasileira de Comunicação EBC  
Fundação Biblioteca Nacional FBN  
Fundação Instituto Oswaldo Cruz FIOCRUZ  
Jório Coelho REVISTA ESCOLA DE MINAS DA UFOP  
Ligia Alves Cruz FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS FGV  
Márcia Reis CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS CBPF  
Maria José da Silva Fernandes FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL FBN  
Memória da Universidade de São Paulo USP  
Museu de Astronomia e Ciências Afins MAST  
Museu da Imagem e do Som – Rio de Janeiro MIS RJ  
Rodrigo Piquet MUSEU DO ÍNDIO RJ  
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência SBPC  
Thaís Marini INSTITUTO VITAL BRAZIL  
Wayne Seale INSTITUTO DE FÍSICA DA USP IF-USP

## AGRADECIMENTO ESPECIAL

Instituto Ciência Hoje



## ORGANIZAÇÃO



## PATROCINADORES DO CENTENÁRIO DA ABC



## APOIO INSTITUCIONAL



## MEMBROS INSTITUCIONAIS DA ABC

